

06/08/87
349
4

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

RELATÓRIO DE COMPLEMENTAÇÃO DO TRABALHO DE DEFINIÇÃO DA ÁREA INDÍGE
NA TUBARÃO/LATUNDÊ, CONFORME ITE Nº 049/DCPI DE 8 DE JUNHO DE 1981.

1. INTRODUÇÃO

Os Latundê, sub-grupo Nambikwara, estão localizados no Território Federal de Rondônia, a Oeste de Vilhena e a Leste do Grupo Tubarão, no setor 11 da Gleba Corumbiana do INCRA, ^{interditada} interditada pela FUNAI em 1978, Portaria 507/N de 26/06/78, (anexo 1) com uma área aproximada de 200.000 ha. A interdição teve como finalidade o resguardo de uma área para o Grupo Tubarão e Latundê e possíveis grupos arredios que encontravam-se na área já em processo de ocupação.

O contato dos grupos com o Órgão Tutor deu-se na década de 70 apesar do contato permanente (Tubarão) ou intermitente (Latundê) com a sociedade regional. Os primeiros trabalhos do Órgão com os Latundê se fez em 1977 tendo a frente o sertanista Fritz sediado na 5ª DR.

A partir deste contato, o grupo deixou de receber assistência da FUNAI, e no período de 4 anos sofreram reduções populacionais drásticas motivadas pelas doenças infecto-contagiosas para os quais não tinham qualquer resistência. Da população contatada, 23 pessoas, restam apenas 11, dos quais 9 estão na aldeia e 2 em tratamento em Cacoal. Se faz necessário com certa urgência um trabalho sistemático com o grupo, com assistência efetiva, caso contrário dentro de alguns anos será mais um grupo extinto no país. Atualmente só encontramos na aldeia uma criança na faixa de 5 anos, apesar da existência de dois casais jovens na aldeia.

O contato do grupo com a sociedade envolvente e mesmo com o grupo Tubarão é mínimo, apesar de terem sido em várias ocasiões requisitados como mão de obra para trabalhos esporádicos com os Tubarão, que tentam "civilizá-los" através da introdução de bens manufa-

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI- 2
3503/70
350
C

turados e mantimentos, criando-se aos poucos necessidades e tornando-os dependentes da nossa sociedade e do grupo Tubarão. Após o último surto de sarampo os latundê afastaram-se novamente do grupo vizinho e o contato vem sendo feito através de um índio sabanê que mora na aldeia Latundê. O grupo Tubarão na pessoa do seu chefe discrimina os latundê com imagens estereotipadas absorvidas pelo contato permanente com nossa sociedade. Nestes anos de contato dos dois grupos o que se percebe é uma tentativa de dominação de um grupo sobre o outro, aumentando o impacto do contato para os Latundê. Hoje se faz necessário uma atuação do Órgão junto aos latundê, minorando a negatividade do contato e como uma forma de não permitir que se crie uma relação de dependência e subordinação dos latundê aos Tubarão.

O trabalho com o grupo latundê foi realizado num período de 8 dias, de 11.06.81 a 17.06.81, sendo que a permanência com os latundê foi de 4 dias. A maior dificuldade encontrada foi o acesso a área e a comunicação com o grupo pelo não domínio por parte destes da língua portuguesa. O GT foi acompanhado pelo servidor da FUNAI, Marcelo Santos, Chefe do PI Mamaidê e por dois índios Nambikwara da área indígena Aroeira que nos serviram como intérpretes.

Antes de chegarmos a área Latundê pousamos com o grupo Tubarão para termos indicação da localização dos Latundê. O acesso a área Tubarão foi realizado com a toyota do PI Mamaidê, e dos Tubarão aos Latundê a pé por não existir estrada. A aldeia Latundê encontra-se a aproximadamente 12 Km da aldeia Tubarão. Na área procuramos percorrer os lugares mais importantes para o grupo indígena ou seja acompanhando-os aos seus campos de migração, suas aldeias antigas e cemitérios e suas áreas de coleta e caça, isto é, a mata que circunda os Pês Pimenta Bueno e Barroso. Os limites territoriais foram assim definidos pelo GT no acompanhamento aos latundê, a área utilizada pelo grupo. A extensão da área está diretamente ligada ao baixo contato do grupo e suas necessidades primordiais de coleta e caça, único forma de suprir suas necessidades básicas de alimentação.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

20.3/95
11
15

A parte leste da área interditada não foi percorrida pelo GT por indícios de índios arredios fornecidos pela 5ª DR e pelos próprios Latundê, que a alguns anos não percorrem esta área.

O fato de não termos podido levar alimentos, e a escassez dos mesmos no grupo indígena, pela recente mudança, não nos permitiu permanecer junto aos latundê por maior tempo. Outro fato que nos levou a restringir o tempo de permanência foi terem sido dois dos membros do grupo de Trabalho acometidos por uma gripe, o que poderia neste contato acarretar mais mortes no grupo indígena, pela baixa resistência orgânica e a falta de assistência na área.

3503/70
352
40

II - HISTÓRICO

As informações acerca dos Latundê mostram-se bastante escassas não só pelo baixo contato do grupo, como também por não ter existido nenhum trabalho efetivo desde a época do contato. Os dados adquiridos sobre contatos anteriores nos vem pelos relatos de Rondon e pela passagem do pesquisador Levi-Strauss na região. Estes relatos não nos permitem uma definição histórica do grupo porém são indícios dos primeiros contatos e da região onde encontravam-se na época.

Malcher em seu livro Índios nos dá uma indicação do grupo Lacondê como habitante do curso superior do Rio Roosevelt.

Rondon, em trabalhos contidos no livro Missão Rondon, nos dá indicações que podem nos remeter aos grupos Tubarão e Latundê. A referência é a um grupo antropófago, que vivia no interior da floresta, nos extremos do Rio Pimenta Bueno, o grupo era conhecido pelos Nambikwara como Coaiás. Outro relato encontrado é sobre o grupo Kepikiri-uats descoberto pelo Tenente Amarante no Vale do Pimenta Bueno com os traços culturais básicos similares aos Nambikwara.

Levi-Strauss, no livro Tristes Trópicos, ao descrever os Nambikwara conta seu encontro no Posto de Vilhena com dois grupos Nambikwara denominados Tarundê e Sabanê. "Os grupos não se diferenciavam a não ser pela língua e parecia terem se unido principalmente pela dizimação sofrida pelo contato e por existir por parte dos Tarundê medo de um ataque de um grupo inimigo que circulava nos arredores". (Aika. á?).

Oberg, no livro Indian Tribes of Northern Mato Grosso, ao descrever o território Nambikwara nos dá como definição que, os Nambikwara antes unidos ocupavam um território definido a leste pelo Rio Papagaio e a oeste pela cabeceira do Rio Roosevelt e Pimenta Bueno. Para o sul eles atendiam as cabeceiras do Juruena e Cabixi. Ao norte por uma linha nas lat. 12°30' do Rio Papagaio e lat. 11° Rio Roosevelt.

As indicações de campo, isto é, pela memória tribal, o

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3500/80
3503
①

grupo Letundê vivia nas imediações do Pimenta Bueno e se confrontavam com os Tubarão, seus inimigos. O grupo andava e fazia as malocas no campo e na mata e se encontrava em determinadas épocas com os Mamaidê.

A utilização atual se prende a áreas de caça, matas ciliares que circundam os principais rios, áreas de pesca e coleta que é feita nos campos e na mata e terras férteis na mata onde praticam uma agricultura de subsistência.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3502/74
354
y

III - MÁGICO/RELIGIOSO

A dizimação sofrida pelo grupo nestes anos de contato não nos permitiu aprofundar no aspecto mágico, nem na organização da comunidade, pois o assunto remetia as mortes e compulsões sofridas pelo grupo nos anos recentes o que nos pareceu ter se tornado um tabu.

Os mortos são enterrados no interior da maloca e o grupo tem abandonado-a e migrado logo após o enterro. Percebe-se que existe grande vinculação do grupo com a alma do morto, os espíritos ancestrais e a terra onde nasceram. As pessoas que morrem fora da aldeia deverão ser transportadas para sua maloca caso contrário o espírito não encontra paz e fica vagando e perturbando seus familiares. Encontra-se aí a resistência do grupo em abandonar sua área tradicional e a ligação mágica com a terra.

De acordo com os dados sobre a organização Nambikwara, os espíritos são a fonte do perigo, infortúnio, doenças e morte. Os fantasmas dos mortos trazem doenças se não lhes oferecem comidas especiais. As tempestades, dificuldades na caça e as destruições das plantações são também causadas pelos espíritos que são divididos entre os que habitam a cima da terra e os que estão abaixo. (dicotomia bem/mal).

Os xamãs são responsáveis em guardar os Nambikwara dos espíritos do mal, e estes são assistidos pelos fantasmas dos mortos xamãs de seu próprio bando. O fantasma ou espírito do xamã pode também entrar no corpo de um jaguar e causar doenças para as pessoas. É grande a ligação dos Nambikwara com os espíritos principalmente de seus mortos. Através dos mitos e ligações com determinados espíritos se explica a origem dos Nambikwara e sua ligação com determinado território e sua posterior ocupação.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3503/76
355
F

IV - ASPECTO SÓCIO-POLÍTICO

Os grupos Nambikwara apesar de guardarem uma diferença linguística, agrupando vários dialetos, que se distinguem uns dos outros pelas desinências do substantivo e formas verbais, não apresentam grandes diferenças na organização social e política.

A estrutura social dos bandos, segundo Levi-Strauss, é bastante fluida e estes formam-se e desorganizam-se, aumentam e desaparecem. A fluidez da estrutura está diretamente ligada ao nomadismo dos bandos e é imposto pela própria especificidade do ambiente marcado por estações secas e úmidas que levam a uma escassez de alimentos em determinada época. Assim intrigas políticas, conflitos com bandos vizinhos e a própria luta pela sobrevivência impunham ritmo a essas variações.

Entre os Nambikwara o poder político não é hereditário. O sucessor é escolhido pelo Chefe e a autoridade é frágil. O chefe é o que une o grupo, assim o que conta numa chefia é o prestígio pessoal e a aptidão para inspirar confiança. Durante os meses de seca cabia ao chefe a responsabilidade na direção e organização do bando, era ele quem decidia as expedições de caça, pesca e determinava a política do seu bando em relação aos vizinhos. Na época das chuvas, quando permanecia nas aldeias era o chefe quem dirigia o cultivo da terra e escolhia as culturas. De maneira geral era ele quem orientava as ocupações em função das necessidades e possibilidades de cada estação, devia assim ter um conhecimento territorial para saber os melhores locais para caça, pesca e coleta.

Atualmente é difícil perceber esta organização política tradicional, pelas mudanças ocorridas nos próprios bandos Nambikwara em geral e nos Latundê em particular. A depopulação, o contato com outros grupos vizinhos e dos grupos vizinhos acarretaram mudanças no papel das lideranças e ou chefias e na organização social do grupo, por menor contato com nossa sociedade que este grupo poderá ter. Há um certo orgulho de ser chefe dos Latundê sem

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- 3 -
3002/76
206
P

deixar ou indicar um sucessor, porém, o que sentimos é que a tradição de não hereditariedade da chefia peculiar aos Nambikwara e a importância das aptidões pessoais para assumi-la vem tornando o Sabanê, Mané Torto, casado com Latundê em um chefe em potencial. Na última mudança foi ele quem escolheu o local de moradia, perto dos seringais, determinou a derrubada para plantio da roça, coordena as caçadas e foi nosso acompanhante na área junto com os Latundê. O Mané Torto está casado com a Latundê há vários anos, tendo assim o domínio da língua Latundê e também do português pelo contato permanente com nossa sociedade, o que lhe dá um certo prestígio perante ao grupo que pelas compulsões bióticas sofridas no contato e pela fluidez peculiar foi aos poucos desorganizando-se. No grupo existe um Latundê com cerca de 20 anos que poderia se tornar chefe, porém este mostra-se fraco perante o Sabanê o que reforça a tomada de chefia pelo último.

A liderança do Mané Torto junto aos Latundê tem como ponto positivo a tentativa de reorganização do grupo, tem, porém, como ponto negativo a tentativa deste introduzir bens da nossa sociedade no grupo o que em curto prazo criará dependências que o grupo Latundê e o próprio Mané Torto não poderá suprir. Os Latundê ficarão assim dependentes dos Tubarão e da sociedade envolvente para aquisição destes bens o que até então não vem ocorrendo. Atualmente para adquirir roupas, açúcar e sal, Mané Torto pretende se subordinar ao processo de produção da área, a extração da borracha, entregando-a aos Tubarão e recebendo em troca mercadorias.

No que diz respeito a organização social os dados obtidos são que os Nambikwara são monogâmicos, existindo a poligamia como privilégio dos chefes e dos feiticeiros. Os casamentos preferenciais são entre primos cruzados, e o casal surgia como unidade econômica e familiar, tendo como função assegurar a subsistência dos membros do grupo.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3503/96
35
①

Demografia

O contato levou a uma grande depopulação no grupo Iatundê. Atualmente existem somente 11 pessoas, sendo uma o Cabanê casado com Iatundê.

Encontramos dois jovens casados a 2 anos, porém sem filhos. No grupo existe uma criança de 5 anos, cujo pai morreu no último surto de sarampo. O número de mulheres supera o dos homens, criando um desequilíbrio. Na aldeia existem duas aldeias e aproximadamente 10 famílias em decomposição. Habitado por dois velhos e a criança.

Na casa 1 habitam os dois casais e um mulher. Na casa 2 vive uma mulher e no acompanhamento os dois velhos e a criança, existem duas mulheres e 1 criança internadas em Tocantins desde um ano passado, que ainda não retornaram à aldeia.

CASA 1

Joné Torto (Cabanê)	-	M	± 60 anos
Teresinha	-	F	± 60 anos
?	-	M	± 65 anos
?	-	F	± 60 anos
?	-	F	± 65 anos

CASA 2

?	-	F	± 60 anos
?	-	F	± 65 anos
?	-	F	± 40 anos
?	-	M	± 68 anos

Aldeia de aldeias

CABANÊ

?	-	M	± 65 anos (viúvo)
---	---	---	-------------------

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3003/06
P. 52/A
40

1945

0
0

-
-

F
M

1 30 anos (viévo)
1 05 anos (órfão)

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3503/76
358
00

ASPECTO SÓCIO-ECONÔMICO

Os Nambikwara tem uma prática agrícola rudimentar, sendo sua maior dependência de animais e plantas da região. São classificados como caçadores e coletores nômades. As terras agricultáveis são poucas, com campos áridos e areões. A agricultura é praticada em galerias nas matas e nas extensões dos rios.

A estação seca é a mais difícil pois a partir de junho julho as provisões de mandioca, batata, milho etc, escasseiam e a subsistência começa a ser feita com folhas de palmeiras, sebes, insetos e animais que conseguem na mata ou no campo.

O tempo Latundê e Nambikwara em geral é dividido em tempo de caça, pesca, coleta e roça de acordo com as estações seca e úmida.

A época que existe maior assentamento é a da plantação, sendo que no tempo restante se movem constantemente, seja para caça ou coleta. Quando o solo ao redor da aldeia se exaure, novos campos são abertos e novas cabanas erguidas com abandono da velha aldeia e roça.

A ocupação para caça, pesca e mesmo roças é feita nas matas ciliares que circundam os Rios Pimenta Bueno e Barroso. Os campos vem atualmente sendo utilizados para coleta e tem importância pela localização das aldeias antigas e cemitérios.

1. Agricultura

O trabalho agrícola do grupo se restringe a roça de subsistência que é feita nas proximidades da aldeia. A tarefa é realizada nas primeiras chuvas, em áreas de mata. Para a plantação primeiro se faz a derrubada de mata, em seguida lança-se fogo na madeira e galhos secos. A plantação se faz entre os troncos caídos e queimados. Por anos sucessivos continuam usando a técnica de coivara até a exaustão do solo. A partir de então novas clareiras são abertas e as roças antigas são utilizadas até que a nova comece a produzir.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3503/76
353
A

zir.

Os principais produtos cultivados na atualidade são a mandioca, batata doce, cará, banana, cabaça e algodão.

A mudança recente do grupo levou a abertura de nova roça. Quando chegamos a aldeia encontramos uma derrubada recente já queimada na mata próxima ao rio Barroso. A roça deverá ser cultivada nas primeiras chuvas. Os latundê continuam se abastecendo na roça antiga, porém, os produtos já estão escasseando e as mulheres vem passando longos períodos na atividade de coleta.

II. Caça

A caça é junto com a coleta a principal atividade do grupo e essencial para a sobrevivência, pois é a única forma de adquirirem proteína animal. Devido as diversas compulsões ecológicas, com desmatamentos em áreas relativamente próximas, o grupo tem que se deslocar bastante para conseguir o animal, as maiores caminhadas do grupo ao encontro da caça é feito na época seca devido a baixa produção da roça e a dificuldade para encontrar animais que suprem suas necessidades básicas.

Os latundê não tem consciência dos limites territoriais atuais assim se caça onde esta existe, não tendo preocupação se ultrapassem ou não um território definido pelo Órgão Tutor, o qual eles não tem consciência que existe e qual a sua função, assim sendo é necessário uma área de caça mais extensa se é importante a sobrevivência do grupo indígena.

A caça é uma tarefa masculina podendo ser realizada de forma individual, predominante, ou coletiva, e vem sendo realizada na mata que circunda o Rio Pimenta Bueno e no campo (animais de pequeno porte);

A área de mata é a única terra fértil da região e, assim sendo indispensável para caça e também para agricultura.

Os principais animais encontrados são o macaco, o porco, cacitu, arapaco, cutio, tatu, jacaré e onça cuja carne não

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3503/70
360
Ⓢ

é utilizada devido a tabus e restrições alimentares.

III. Pesca

A pesca é realizada nos rios e córregos e serve como complementação alimentar. O grupo define em sua língua as principais lagoas e rios utilizados e onde frequentemente vão pescar. A lagoa mais próxima encontra-se no Rio Barroso e está a aproximadamente 1 hora da aldeia as outras encontram-se a maior distância.

A pesca é feita de forma individual ou coletiva. Na pesca individual se utiliza flecha ou anzol e na coletiva onde as mulheres participam se utiliza o timbó.

Os principais peixes encontrados e utilizados pelo grupo são o piaú, o pacu e a piranha.

IV. Coleta

A coleta é uma atividade de suma importância para os Latundê principalmente na estação seca quando escasseia a produção da roça e eles espalham-se pela região a procura de alimentos.

A coleta é uma atividade feminina e na seca é de importância primordial para o grupo. Os animais minúsculos como gafanhotos, formiga, certas larvas são apanhados no campo e na mata durante ascaminhadas femininas. Junto aos pequenos animais é importante a coleta de fibras para fazer corda, de palha para confecção das malocas, de tequara para flecha, do timbó para as pescarias, do urucu para pintura corporais, do algodão para os enfeites corporais, da seriva para o arco, da plúva e da umbina, além dos frutos de estação, grãos, raízes e mel que complementam a alimentação.

A tequara é encontrada entre o campo e a mata, a seriva na mata, o timbó na saída do campo, a palha próximo a atual maloca, na mata e o urucu nas proximidades da aldeia velha, assim, podemos perceber que tanto o campo quanto a mata vem sendo utilizado pelo grupo na coleta e medida que alguns bens existem em maior abundância no campo e outros na mata.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI2503/76
30.1

04

As sementes são também muito utilizadas na confecção dos enfeites corporais, assim como o algodão.

V. Atividade Extrativa

A extração da seringa não é atividade tradicional no grupo, apesar disto encontramos perto da aldeia um começo de extrativismo praticado pelo sabanê, Mané Torto. O início desta atividade pelo sabanê está vinculada a necessidade deste de adquirir bens da sociedade envolvente pois ao contrário dos latundê vem de um contato permanente com nossa sociedade.

A borracha deverá ser entregue ao chefe do grupo Tubarão que juntamente com Jorge Falca, ex-funcionário do Órgão, monopoliza a produção indígena e de alguns seringueiros brancos que encontram-se na área. A borracha é comprada por Manuel Tubarão abaixo do preço de mercado e paga com mercadorias do Barracão, vendidas acima do preço. O sabanês para aumentar sua produtividade deverá introduzir os latundê na atividade como mão de obra, acarretando uma dependência e subordinação destes ao chefe Tubarão.

Não existe na área latundê qualquer projeto para o grupo e nem é no momento necessário devido ao baixo contato destes e a não dependência de bens da sociedade nacional.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3503/76
362
Ⓢ

VI. Integração Social

O Contato dos Latundê

De acordo com o relatório da antropóloga Delvair Melatti de 1976, os latundê em 1972 mantinham contato com proprietários dos lotes 97 e 87 do setor 7 da Gleba Corumbiara - Km 624 da BR-364. Após este contato isolaram-se novamente.

Em 1975 foram contatadas pelos índios da Mata, os Tubarão a quem não receberam bem, devido a animosidades anteriores e as lutas intertribais.

Em 1977 o sertanista Fritz, coordenador do Projeto Namikwara foi designado para contatá-los e nesta ocasião o Sr. Jorge Falca, então trabalhador braçal lotado na 5ª DR foi designado para prestar assistência ao grupo após o contato da Funai. O Sr. Jorge Falca não permaneceu com o grupo e mais tarde foi demitido do Órgão por denúncias de funcionários onde se colocava que este vivia bêbado e levava os índios a bebida, não podendo assim continuar tratando com comunidades indígenas. O Sr. Jorge Falca continuou vivendo com os Tubarão, sendo que os Latundê não mais receberam assistência e devido as compulsões bióticas entraram em processo de depopulação.

O contato dos latundê com a sociedade envolvente continua intermitente, apesar de nestes anos terem sido aliciados como mão-de-obra para o trabalho nos Tubarão e nas fazendas. Após o último surto de sarampo, o grupo mudou-se para nova aldeia e não mais mantém contato direto com os Tubarão. Todo o contato vem sendo feito através de Mané Terto, o sabinô que vive com os Latundê.

2. Relação Latundê e Tubarão

O maior contato do grupo Latundê foi nestes anos com a aldeia Tubarão que na atualidade encontra-se a 12 Km da aldeia nova dos latundê. O grupo Tubarão é majoritário na área e encontra-se ao contrário dos latundê, em contato permanente com nossa sociedade.

3503/76
363
10

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

dedicando-se a extração da seringa como atividade econômica básica.

Os Tubarão na pessoa de seu Chefe Manoel e do Sr. Jorge Falca, vem explorando sistematicamente a mão de obra latundê, aliciando-os para o trabalho na aldeia e nos seringais. O intuito do Sr. Jorge como deixou explícito, é "civilizar" os Latundê como conseguiu com os Tubarão.

O Chefe Tubarão Manoel, orientado pelo Sr. Jorge Falca discrimina os Latundê que são considerados "Índios", e tentam manter uma relação de dominação/subordinação, através da absorção dos valores dominantes que acarretam uma dominação de um grupo sobre o outro.

É importante notar que na área o chefe Tubarão e o Sr. Jorge Falca exploram a própria mão de obra Tubarão e de seringueiros brancos colocados por estes na área Latundê. Eles compram a borracha abaixo do preço de mercado nas estradas de seringa, onde o restante do grupo encontra-se assentado, descontam a tara e pagam em mercadorias vendidas acima do preço, é o regime de barracão mantido pelo próprio Chefe Indígena. Os seringueiros brancos que estão na área latundê estão sujeitos ao mesmo regime de trabalho.

Os produtos do barracão foram comprados com uma verba da Funai para um Projeto de extrativismo que beneficiaria o grupo Tubarão. Na realidade o Manoel e o Jorge ficaram com o dinheiro e estão usando na exploração da mão de obra indígena. Para maior esclarecimento sobre o Projeto e a atuação do Sr. Jorge Falca na área, vide relatório antropológico, CT/Port./738/E/80, fls. 251, Proc. FUNAI / BSB/3503/76.

Após o último surto de sarampo os Latundê afastaram-se novamente dos Tubarão, sendo o contato mantido através de Mané Torto, que sempre é trabalhar para os Tubarão por sua necessidade de bens da nossa sociedade, Mané Torto assumindo a liderança do grupo Latundê, deverá iniciá-los no extrativismo, subordinando-os ao Tubarão que tem a gerar dependência no grupo latundê. A aquisição de bens e

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

engajá-los no sistema produtivo capitalista mercantil onde os únicos beneficiados serão o Sr. Jorge de Falca e Manuel Tubarão.

VII. Aspecto de Saúde

Desde a época do contato os latundê não receberam qualquer assistência do Órgão Tutor, o que tem levado a mortes constantes e uma crescente depopulação. O grupo nunca foi visitado pela EVS não existe na aldeia Tubarão atendente de enfermagem ou um Posto Indígena que possa prestar qualquer socorro ao grupo latundê. Em 1980, houve um surto de sarampo na região o que acarretou a morte de aproximadamente 6 Índios Latundê. Na época o grupo recorreu aos Tubarão que não prestaram qualquer assistência.

Os Latundê não adquiriram resistência as doenças advindas do contato e uma simples gripe pode na atualidade exterminar o grupo, a medida que continuam sem assistência do Órgão Tutor.

É imprescindível na atualidade que pelo menos um técnico de enfermagem seja deslocado para a área latundê para uma assistência efetiva ao grupo indígena, caso contrário este será mais um grupo extinto em nosso país.

3503/76
300
d

VIII. Divisas Territoriais

A área onde habitam os Latundê está inclusa no setor 11 da gleba Corumbiana interdita pelo Órgão Tutor em 1978, com uma área de 200.000 ha, Port. nº 507/N de 26 de agosto de 1978 (Proc. FUNAI/BSS/3503/76).

Apesar da existência de interdição este fato não é relevante para o grupo que não tem consciência da interdição, nem da Funai.

As divisas são definidas pela memória do grupo e estão divididos em dois tempos ou duas épocas. Uma é a área antiga onde incursionavam e encontravam os Maimadê, os Sabanê e grupos inimigos como os Tubarão. Este território era utilizado quando o grupo era grande e dividia-se em diversos bandos, principalmente na época seca que andavam procurando alimentos. Estes fatos foram antes das doenças e das mortes.

Outra área é definida pela atualidade, é a área onde o grupo caça, pesca e coleta, sendo definida pelos principais rios e córregos utilizados, pelas matas ciliares que circundam o Pimenta Bueno e o Barroso e onde vão caçar e coletar. Na mata não se fala em lugares específicos, acompanham a caça, e as caçadas podem durar um ou vários dias, e pelos campos onde moravam e que segundo os Latundê tinha mata que se acabou pelas derrubadas e uso constantes da terra. Esta área não é usada para plantação pela baixa fertilidade, porém é importante na coleta de pequenos animais e por lá existir aldeias antigas e cemitérios.

Os Latundê definem esta área pelo seu uso constante e porque era sua área tradicional; Assim vão caçar nos lugares onde tem caça e pescam onde tem peixe, não se preocupando se estão ultrapassando ou não limites pré-fixados pelos não índios.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

33.03/76
300
07

XI - Propostas Anteriores

1976 - Licitação de Terras pelo Incra no setor 11 da Gleba Corumbiana.

Anteriormente a FUNAI havia sido avisada e foi dada como posse indígena os lotes 21 a 28 e 31 a 38 do referido setor.

Consta em processo que o INCRA havia anteriormente transferido os índios Tubarão do setor 10 da Gleba ao setor 11 e que as terras onde foram recolocadas eram as piores da região, não atendendo realmente ao grupo indígena. (13.27 P.ACC.FUNAI/898/3503/76)

1976 - A antropóloga Delvair Melatti após visita a área constata a ocupação das terras pelos índios Tubarão e a leste dos Tubarão a ocupação de um grupo recém-contatados chamados pela antropóloga de "índios do campo". A proposta da antropóloga é de 120.000 ha para os dois grupos, sendo que 64.000 ha para os Tubarão (índios da mata) e 56.000 ha para os índios do campo, segundo as informações colhidas pela antropóloga, estes índios perambulavam, caçavam, pescavam e faziam roças entre os lotes 15 a 18, 15 a 75 e 75 a 78 do referido setor 11 da gleba Corumbiana (1s. 40 P.ACC.FUNAI/898/3503/76).

1978 - Pedido pelo DCP1 de interdição de uma área para os grupos Tubarão/Massacá.

1978 - Interdição da área Tubarão/Massacá pela Port. 507/N/de 26 de junho de 1978 com uma área de 200.000 ha, setor 11 da Gleba Corumbiana.

1980 - CT instituído pela Port. 738/E de 19 de junho de 1980, com a finalidade de identificar a área indígena Tubarão/Massacá.

A área eleita pelo CT para os Grupos Tubarão e Massacá perfazia 110.000 ha, sendo 63.000 ha para os Tubarão e 47.000 ha para os Massacá (latundô). Da área interditada seriam liberados 23.000 ha e seriam interditados 37.000 ha por indícios de índios arredios.

33.03/76
300
07

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3503/76
305
9

X - Levantamento Ocupacional da Área

O processo de ocupação da área se deu através da implantação do Projeto Corumbiara do INCRA. Os Aikaná (Tubarão) estavam localizados nesta época no setor 10 da gleba Corumbiara e foram transferidas para as piores terras do setor 11 pelo próprio INCRA. (Proc. FUNAI/BSB/3503/76).

Em 1975 o setor 11 começa a ser licitado e ocupado por famílias. O INCRA consulta a Funai e reserva lotes no setor 11 para o grupo Tubarão. Os lotes reservados não atendiam aos Tubarão e deixavam fora os grupos não contatados ou com contatos recentes.

Em 1978 foi interditado todo o setor 11, porém isto não impediu que já tivessem desmatamentos as margens do Rio Pimenta Sueno e que colonos e fazendeiros já estivessem fixados na área.

Em 1980 a FUNAI entra com Interdito Proibitório contra fazendeiros que estavam ocupando a área interditada. Atualmente ao consultarmos o INCRA em Vilhena tivemos informações que a área interditada ao sul dos Tubarão vem sendo ocupada por colonos.

Na área Tubarão existem 4 lotes, cada um com 2.000 ha, licitados, demarcados e homologados e 2 lotes na área Latundê, ainda não ocupadas.

Na área Latundê encontram-se no mínimo tres famílias de seringueiros que estão trabalhando para Manuel Tubarão. Não sabemos de conflitos manifestos entre os seringueiros e os Latundê.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

XII. Os Índios Desconhecidos

A primeira informação oficial sobre índios desconhecidos na área habitada pelos Latundê partiu da 5ª DR em informação S/N datada de 8 de setembro de 1978 e assinada pelo sertanista Fritz, coordenador do Projeto Nambikwara. Na informação constava que um índio Latundê havia sido morto e que em visita ao local da morte se constatou que as pegadas eram de índios com pés grandes, que seguiram rumo oeste numa área acidentada com valetas, mata e cerrado. A morte se deu ao norte da área Latundê a aproximadamente 20 Km da aldeia. A informação datada de 1978 foi ratificada pelo próprio Fritz quando chegamos a Cuiabá.

Ao chegarmos a área tentamos colher informação dos próprios índios e eles afirmaram que o grupo desconhecido existe e estavam localizados nas cachoeiras. As indicações do rumo conferem com a informação do sertanista Fritz. Os Latundê em suas caminhadas não vão para a área onde se tem indícios desses índios, pois temem serem mortos.

Ao sul da área Tubarão dentro da Gleba interditada tinha-se em 1980 informações sobre grupos arredios. As informações atuais colhidas na área Tubarão e no INCRA de Vilhena é que colonos vem sistematicamente abrindo picadas nesta área apesar do interdito da FUNAI. Os índios arredios foram visto a leste do setor 11 em uma fazenda. Consta que o fazendeiro contratou peões para exterminar o grupo desconhecido caso aparecessem novamente em suas terras.

Seria importante em vista dos fatos mencionados, que a FUNAI tomasse providências no sentido de Criação de Frente de Atração Nesta área mencionada no Território de Rondônia, para que se possa confirmar ou não as informações que desde 1978 vem chegando ao órgão evitando assim que haja na região matança e extermínio dos grupos indígenas.

3503/76
370
④

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO - FUNAI

- Grupo Indígena em Fazendas

De acordo com informações do Sr. Jorge Falca, existe ao norte da área interdita um grupo indígena não contatado pelo Órgão Tutor trabalhando nas fazendas. O grupo não recebe qualquer assistência e de acordo com o Sr. Jorge Falca seriam remanescentes Araras.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

2013/126
201
G

XIII. Proposta do GT

A proposta do GT para o Grupo Latundê é de uma área de 27.000 ha, tendo sido levado em conta na eleição o baixo contato do grupo com nossa sociedade, a organização social baseada no nomadismo e as necessidades de subsistência do grupo calcados na caça e na coleta. Ora sabemos que quanto menor o contato do grupo com nossa sociedade maior será a necessidade de terra, principalmente por não existir por parte destes consciência de limites territoriais definidos por não-Índios. A sua terra é aquela onde nasceu, caça, pesca e coleta. Marcas não tem significado maiores e eles ultrapassa - não sempre que for necessário. A terra para o Índio não tem o mesmo significado que para os não-Índio, não gera valor e não tem valor em termos monetários ou de produção. A terra significa o local que nasceram e onde enterraram seus ancestrais. O seu valor é dado pelo que gerar em quantidades de animais e de produtos que supram sua subsistência. Sabemos também que um grupo que tem como origem o nomadismo, baseado na coleta de bens para subsistência, circulará mais pela região do que aqueles que tem a sua atividade básica calcada na agricultura. Na atualidade é importante notar que os desmatamentos que vem ocorrendo, a ocupação das áreas circunvizinhas e a mudança no ecossistema, vem marcando a caça e se esta é importante para um grupo indígena em contato permanente com nossa sociedade, para um grupo praticamente sem contato, e sem dependência de bens da nossa sociedade, ela é condição essencial para a sobrevivência. Devido as mudanças que vem ocorrendo na região o grupo deverá percorrer muito mais quilômetros para alcançá-la. Daí ser imprescindível para os Latundê uma área de caça mais extensa onde possam suprir suas necessidades básicas:

A área de campo aberto de não ser aproveitada para agricultura pela sua composição em áreas é importante para o grupo, a medida que lá existem várias aldeias antigas, cemitérios e ver. sendo utilizada para coleta. A distribuição desta área se prouca assim de ser

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3503/76
372
Cf

pecto mágico-religioso do grupo, sua vinculação com os espíritos de seus mortos e a sua utilização na coleta de bens que são também indispensável a sua sobrevivência.

Os membros do grupo Latundê vêm sistematicamente utilizando a área, principalmente na época seca onde a coleta e a caça tornam-se imprescindíveis pela escassez dos produtos agrícolas.

A área a leste da aldeia Latundê com uma superfície de 20.000 ha, deverá continuar interditada pela FUNAI, devido aos indícios de índios arredios.

Nas áreas liberadas pelo CT instituído pela Port. 738/E/SO, não encontramos ocupação indígena.

Ao sul da área, deverá continuar interditada pelo Órgão a área de 37.000 ha até que se constitua Frente de Atração para constatar o grupo arredio.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO - FUNAI

3003/76
203
0

XIV. Sugestões

1. Devido ao baixo contato dos Latundê com nossa sociedade seria necessário um trabalho efetivo do Órgão com o grupo. O Posto Indígena que será implantado na área Tubarão não poderá prestar assistência efetiva aos Latundê, assim sendo, seria importante o deslocamento para a área de um técnico de enfermagem para assistência ao grupo.

* Quando da Criação do Posto Indígena na área Tubarão, fosse estudado um local que fosse acessível para atendimento ao grupo Latundê, isto é que o Posto fosse criado a uma distância que atendesse aos dois grupos.

2. Ao ser demarcada a área Tubarão/Latundê, seria importante a divisão das duas áreas por uma linha seca e medida que, os Tubarão já vem atualmente colocando seringueiros brancos na área Latundê, o que prejudicará o grupo indígena.

3. Seja retirado da área Tubarão o Sr. Jorge Falca, que apesar de demitido do Órgão Tutor, continua morando na área e com seu trabalho junto a Manuel, Chefe Tubarão, induzindo-o a explorar a mão de obra dos grupos indígenas.

4. Que sejam criadas pelo DGO, Frentes de Atração para confirmação da existência de índios arredios ao leste da área Latundê e ao sul e a oeste da área Tubarão.

Brasília, 20 de agosto de 1.981.

[Handwritten signature]
FUNAI

[Handwritten signature]
FUNAI

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

30/02/96
346
40
26

LEGENDA

I	- INTRODUÇÃO -----	1
II	- HISTÓRICO -----	4
III	- MÁGICO - RELIGIOSO -----	6
IV	- ASPECTO SÓCIO POLÍTICO -----	7
	- Demografia - -----	8
V	- ASPECTO SÓCIO - ECONÔMICO -----	10
VI	- INTEGRAÇÃO SOCIAL -----	
	1 - O contato dos Latundê -----	14
	2 - Relação Latundê/Tubarão - -----	14
VII	-ASPECTO DE SAÚDE -----	17
VIII	- DIVISAS TERRITORIAIS -----	18
IX	- PROPOSTAS ANTERIORES -----	19
X	- LAVANTAMENTO OCUPACIONAL DA ÁREA -----	20
XI	- OS ÍNDIOS DESCONHECIDOS -----	21
XII	- PROPOSTA DO GT -----	22
XIII	- SUGESTÃO -----	23